

## A *Grammatica Descriptiva* de Maximino Maciel

Lúgia Corrêa Dias de Moraes \*

**RESUMO:** Nessa gramática hoje um pouco esquecida encontram-se algumas concepções independentes e antecipadoras, ditadas pela observação dos fatos na perspectiva científica que o autor defendia, como se vê no capítulo das conjunções coordenativas.

**Palavras-chave:** gramática, conjunções, coordenação.

**A** edição inicial desta gramática teve outro nome, o de *Grammatica Analytica*. Refeita em seguida (1894) como *Grammatica Descriptiva*, foi das mais bem aceitas de seu tempo, conforme evidencia o número de edições que teve, doze, a partir daí, até 1931 (provavelmente a última): a segunda em 1894; a terceira em 1904, aumentada com muitas notas e resumos sinóticos; a quarta em 1910, com um "Breve retrospecto sobre o ensino da Língua Portuguesa", no final do volume, que continuou a aparecer nas demais edições; a quinta, sem data; a sexta, aumentada e refundida, em 1916; a sétima, em 1918; a oitava, última em vida do autor, em 1922; e sucessivamente, edições póstumas, a nona em 1925, a décima em 1926, a décima primeira em 1928 e a décima segunda, provavelmente a última, em 1931. Deixou ainda *Lições elementares de Língua Portuguesa*, de 1906, que teve sua nona edição em 1921 (Moraes, 1989, p. 95)

A página de rosto da *Grammatica Analytica* apresenta o autor como "Maximino de Araujo Maciel – natural de Sergipe – estudante do curso medico – Professor de línguas no collegio Augusto, professor livre de philosophia, ex-professor de portuguez e francez na Associação Promotora de Instrucção etc.". Tinha então vinte e dois anos. Na oitava edição (na qual nos vamos basear, confrontando-a, quando for o caso, com a

\* Universidade de São Paulo.

de 1887) o currículo aparece enriquecido: "Dr. Maximino Maciel – natural de Sergipe – Formado em medicina e em direito, professor cathedratico do Collegio Militar, membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, do Instituto Historico e Geographico de Sergipe." Os títulos apresentados justificam o comentário de Mattoso Câmara: "... como Schleicher, reunia dois interesses distintos – o da língua materna e o da história natural." (1972, p. 205) De fato, no rol de obras do autor que consta na oitava edição apresentam-se quatro títulos de língua portuguesa e sete de ciências naturais, indo de botânica geral, agronomia, zoologia e química a artigos sobre o tratamento da tuberculose.

Esse fato lança luz sobre sua posição relativamente ao estudo da língua, em especial da gramática sobre o qual ele afirma, na introdução à primeira edição<sup>1</sup>:

"A ciência da linguagem atravessa, como todas as outras, uma época de transição, graças aos esforços dos investigadores e das grandes individualidades."

"A extensão, pois, do domínio da glotologia é um fato de ordem natural, porquanto o fim do século XIX ficará registrado nas páginas da história geral dos povos como o século das grandes evoluções científicas, assinaladas pelo movimento das ciências, seguindo a trajetória traçada pelas leis do progresso e sancionada pelo aperfeiçoamento livre das nações civilizadas."

E citando Hovelacque e Max Müller dá a lingüística como "um ramo das ciências naturais."

Mais adiante:

"... seria lógico e racional que a gramática, sob o ponto de vista científico, mantivesse relações com as outras ciências, pois que ciência alguma pôde jamais constituir-se e seguir a sua evolução sem o socorro das outras.

"Assim enquanto a taxionomia natural estabelece as leis da classificação das espécies, que povoam o universo e a morfologia estuda-lhes a estrutura e organização interna, a taxionomia gramatical, baseando-se no conceito significativo dos vocábulos, dita-lhes as leis da classificação e nomenclatura e a morfologia, penetrando-lhes

<sup>1</sup> As citações das Grammaticas respeitam o texto do Autor, inclusive na sua maneira algo irregular de destacar palavras e expressões, limitando-se a atualizar a ortografia.

na estrutura, separa o elemento orgânico embrionário daqueles elementos que, advindos do exterior, se reduziram ao estado de elementos, dotados de funções de relação."

E seguindo:

"Ainda mais uma prova, se não de alto valor e critério para demonstrarmos ser a lingüística do domínio das ciências biológicas, ser-nos-ia sugerida pelo estudo e observação das funções de relação desenvolvidas e efetuadas no organismo proposicional, necessário às condições do vitalismo das línguas sob o ponto de vista sintático."

É evidente a intenção de aplicar à análise lingüística o rigor de métodos das ciências naturais que o positivismo triunfante preconizava. Que não o conseguira satisfatoriamente nessa primeira versão reconhece-o o autor, apontando, no Prólogo da edição de 1894, "muitos defeitos, devidos à transição em que se achavam as doutrinas d'então." "Além disso, nós o escrevêramos baseados mais no que havíamos lido do que na observação e na experimentação dos fenômenos da língua..."

Como se vê, a preocupação maior está em aplicar a um estudo da língua que se queria científico o mesmo rigor e os mesmos métodos das ciências naturais. É o que ele iria acentuar, ao dizer no "Breve retrospecto", referindo-se à versão de 1887:

"Os espíritos dir-se-ia que acordavam para transfundir na lingüística o caráter experimental e positivo, rompendo de vez com a tradição e a rotina, imobilizadas na deficiência de incentivo, apesar da nova orientação que se vinha impondo aos poucos que se dedicavam a esses estudos." (1922, p. 500)

Os nomes dos homenageados como mestres, na dedicatória, indicam as influências que aceitava: Sílvia Romero, Pacheco Júnior, Alfredo Gomes, Castro Lopes, Júlio Ribeiro, Fausto Barreto, Carlos de Laët, Adolfo Coelho, Teófilo Braga, entre outros.

Para lembrar a importância que Sílvia Romero pode ter tido em sua formação e, sobretudo, em sua orientação intelectual, basta citar aqui Antônio Cândido:

"... num Brasil entorpecido pelas humanidades clássicas mal assimiladas, que sob certos aspectos constituíam verdadeiro fenômeno de inércia cultural, a campanha pela renovação científica e pela revisão filosófica apareceu como força de renovação mental. A crítica de Sívio, tão profundamente ligada a ela, corre paralela ao incremento dos estudos de matemática, relacionados em parte com o positivismo; a intensificação dos estudos de ciências naturais..." (1988, p. 115-116).

De Adolfo Coelho e de sua importância para a renovação dos estudos da língua basta lembrar que Leite de Vasconcelos marca em 1868, ano de publicação de *A língua portuguesa* (de que, aliás, só saiu o primeiro fascículo), o início do último período da história da filologia portuguesa (1929, IV, p. 886). E de Fausto Barreto iria dizer o mesmo Maximino, no "Breve retrospecto":

"...tendo perlustrado a História Natural no curso de Medicina que deixou no 5º ano, convenceu-se de que às línguas, como organismos, se lhes deveria aplicar o método positivo das ciências biológicas." (1922, p. 501)

Esses nomes por si sós bastam para dar idéia da orientação geral de Maximino. Outros aparecem nas notas de rodapé: os de comparatistas como Henry (*Grammaire comparée du grec et du latin*), Egger (*Grammaire comparée*), Bopp (*Grammaire des langues indo-européennes*) ou Max Müller (*La science du langage*).

Passando agora ao exame do conteúdo da gramática, poderemos verificar em que medida cumpriu seus propósitos.

Nas duas edições que nos servem de base, a preliminar, de 1887, e a refeita, que citaremos em sua oitava edição, de 1922, abundam os nomes de origem grega, uns de criação própria, outros transpostos da própria gramática grega, e diversos tomados a outros autores, como Júlio Ribeiro, a cuja obra, de 1881, ainda na introdução da primeira edição se refere ele.

Nesta edição, começando por definir a gramática como "disciplina que trata das normas do pensamento humano pelo estudo analítico dos fatos da linguagem", Maximino demonstra não estar tão longe da gramática filosófica quanto dera a entender. Divide-a depois em *descritiva* (ou expositiva, ou particular), *histórica* (ou comparativa) e *filosófica*

(ou geral), divisão que mantém na oitava edição. Nesta, porém, já submete a definição de gramática à nova orientação que propusera, a científica: "é a sistematização lógica dos fatos e normas de uma língua qualquer." (1922, p. 1) Isto é, a observação virá em primeiro lugar.

De uma para outra edição variam também as partes em que divide a gramática. Na primeira, o Plano Sinótico inicial prevê: I. fonologia, incluindo fonética, prosódia fonografia, ortografia; II. lexeologia, dividida em morfologia, taxonomia campenomia e etimologia; III. sintaxologia, desdobrada em sintaxe, topologia, fraseologia e estilística; IV. senecologia (*sic*, nome corrigido, na parte correspondente do desenvolvimento, para semiologia), compreendendo exegética e técnica. Na oitava, mantêm-se as três divisões, alterado o nome *sintaxologia* para *sintaxilogia* e substituído o de *campenomia* por *ptoseonomia*; a semiologia – agora o nome da última seção – é dividida em semântica e tropologia. Ficam evidentes duas preocupações: a de classificar os fatos observados e a de usar, criando-os, quando necessário, nomes de formação erudita sobre radicais gregos, como nas ciências biológicas.

É tal essa preocupação que ainda na edição de 1922 surgem os nomes, adotados na de 1887, de perispômenos e properispômenos – nomes que ele previamente declara provindos "da glotologia grega" – para os vocábulos respectivamente oxítonos e paroxítonos com vogal fechada em português.

Nessa mesma fonte vai ainda buscar os nomes dos tempos verbais na primeira edição, quando enumera entre eles três aoristos, o absoluto (para a nomenclatura atual, o perfeito simples), o indefinido (perfeito composto) e o relativo (mais-que-perfeito, simples ou composto). Esses nomes estão substituídos, na oitava edição, por perfeito, indefinido e mais que perfeito.

Ainda nesta os tempos são definidos como "modalidades de duração expressas pelas formas ou flexões verbais" (p. 191, grifo nosso), generalizando assim uma das possibilidades da categoria do aspecto. Na primeira edição, mais adequadamente define tempo como "a propriedade que assume o verbo de enunciar a época em que se realiza o fato significativo pelo tema verbal." (p. 145)

Há um ponto, entretanto, em que Maximino, afastando-se dos demais gramáticos, antecipa critérios que a moderna lingüística iria usar.

Referimo-nos ao capítulo das conjunções.  
Maximino tem delas um conceito preciso,

"conjunção é a palavra conectiva destinada a estabelecer uma relação entre duas proposições completas ou incompletas" (1887, p.103), e

"conjunções coordenativas são aquelas que apenas conjuntam e relacionam orações, aproximando-as mutuamente" (1887, p. 104),  
que altera depois para

"conjunção é uma palavra invariável que liga duas proposições e às vezes duas palavras." (1922, p.153).

E acrescenta, em nota de rodapé:

"Insistimos em admitir a ligação de palavras por algumas conjunções coordenativas, pois a definição deve abranger o todo definido."

O que significa que para ele a primeira definição é insatisfatória, porque traz implícita a idéia de que mesmo a coordenação entre palavras pressupõe o desdobramento da oração em que haja termos coordenados, vistos como representantes de uma estrutura elíptica, como fazia a gramática tradicional inspirada na lógica e como propõe hoje a gramática gerativa.

A lista das conjunções coordenativas que apresenta é bem mais reduzida que a do comum das gramáticas. Nestas, em geral, a enumeração varia bastante de autor para autor, mas, ao contrário do que seria de esperar, uma vez que têm caráter de instrumentos gramaticais, as conjunções não aparecem como itens de um inventário fechado, mas aberto, como evidência o etc. que geralmente encerra a lista delas.

Nas gramáticas pós-NGB tem presença constante um núcleo formado pelas aditivas *e, nem*; as adversativas *mas, porém, no entanto, entretanto, todavia, contudo*; as alternativas *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já*; as conclusivas *logo, pois, portanto*; e as explicativas *pois, porque, porquanto*. Ao lado deste rol, aparece outro, variável de autor para au-

tor, muitíssimo mais amplo em gramáticas anteriores à NGB, sobretudo algumas mais antigas, como as de Soares Barbosa, Sotero dos Reis e Freire da Silva, ou mesmo não tão distantes, como a de Eduardo Carlos Pereira. Neste último rol incluem-se formas adverbiais (*finalmente*), anafóricos (*assim*), sintagmas preposicionados (*na verdade, neste comenos*), algumas vezes com anafóricos no núcleo (*por isso, além disso*).

Maximino Maciel, porém, diverge. De início, divide as conjunções coordenativas em quatro classes: a) aproximativas (*e, nem*); b) alternativas (*ou, quer*); c) adversativas (*mas, porém*); d) conclusivas ou ilativas (*logo, pois, portanto*) (1922, p. 153). É menos do que na primeira edição (1887, p. 104-105), que traz ainda a classe das explicativas (*como, isto é* etc.), a das correlativas (*assim...como, tão...como, tanto mais... quanto* etc.) e, fora da enumeração, a das transitivas ou continuativas, "qualquer conjunção da primeira categoria [coordenativas] que estabelecer a passagem ou transição de um período para outro." (1887, p. 105)

Na definição de 1922 e neste acréscimo ao rol de 1887 está implícito o reconhecimento – que as gramáticas atuais mais comumente omitem – da diferença entre os níveis de construção em que pode ocorrer a coordenação: entre termos da oração, entre orações, entre períodos, entre parágrafos ou blocos maiores do texto (Salum, 1979, p.III).

Além disso, a lista de 1922, que já é mais curta e abrange apenas quatro subclasses, acaba por restringir-se ainda mais nas notas de rodapé. Diz ele na nota (3):

"As palavras *entretanto, contudo* e *todavia* têm mais função adverbial do que de conjunção, tanto que instituímos o novo grupo dos advérbios de *concessão* ou *concessivos* a que hoje pertencem."

Na nota (4) acrescenta:

"Já não há razão de admitirmos conjunções conclusivas. As palavras *pois, logo, portanto* e seus equivalentes – *por isso, por conseguinte*, etc., devem formar um novo grupo de advérbios de *conclusão*."

"Deixa de ser conjunção toda palavra que se pode deslocar dentro da frase, pois, como elemento de ligação, tem de iniciar a proposição."

"Enquanto as preposições e as conjunções são elementos imóveis na estrutura da proposição, ao contrário os advérbios se podem deslocar, ocupando posições diversas, dependentes da harmonia, a cadência do período e o gosto do escritor." (...) "Assim se restringe a ordem das coordenativas apenas aos seus tipos fundamentais, *e, ou, mas.*" (1922, p. 154)

E, de fato, lá estão no capítulo dos advérbios as palavras eliminadas da extinta subclasse das concessivas. Já as conclusivas não encontram lugar entre eles, aos quais faltou aí a criação da subclasse correspondente embora, ao tratar das proposições coordenadas, tendo incluído entre elas as ilativas, arremate afirmando que

"sendo as pretensas conjunções *ilativas* legítimos *advérbios*, a coordenação passará *ipso facto* a ser reputada *assindética*." (1922, p. 359)

Maximino, com essas observações, antecipa-se ao critério de mobilidade proposto por Martinet para evidenciar o monema autônomo, como pode ser o advérbio. Mas leva a mais um resultado: reconhecendo o papel dessas formas na organização do texto, aponta para a idéia de coesão textual e coloca entre as palavras que a promovem – os *conjunctive adjuncts* de Halliday (1976, p. 231) –, as ex-conjunções conclusivas e continuativas, bem como as que retirou do grupo das adversativas (*entretanto, contudo, todavia*), para as quais criou o subgrupo dos advérbios de concessão.

O espírito científico que propugnou levou-o a uma visão certa, original e antecipadora.

## BIBLIOGRAFIA

- CÂMARA JR., J. Mattoso (1972) Os estudos de português no Brasil. Em seus *Dispersos*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.
- HALLIDAY, M.A.K. e HASAN, R. (1976) *Cohesion in English*. London, Longman.
- MACIEL, Maximino de Araújo (1887) *Grammatica Analytica*. Rio de Janeiro, Typographia Central.
- \_\_\_\_\_. (1922) *Grammatica Descritiva*. 8.ed. aumentada e refundida. Rio de Janeiro, São Paulo, Francisco Alves.

- MORAES, Clóvis B. de (1989) *Estudos gramaticais*. Série Encontros. Araraquara, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara - UNESP.
- SOUZA, Antônio Cândido de Mello e (1988) *O método crítico de Sílvia Romero*. São Paulo, EDUSP.
- SALUM, I.N. (1979) Abordagem lingüístico-retórica do texto. Araraquara, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de de Araraquara - UNESP (policopiado)
- VASCONCELLOS, J. Leite de (1929) *Opúsculos*. Vol. IV. Coimbra, Imprensa da Universidade.

**ABSTRACT:** Neglected as it may be these days, this grammar introduces some quite original and pioneering concepts, which are dictated by the scientific observation of facts, such as supported by its author. An example of this is given by the chapter on coordinating conjunctions.

**Keywords:** grammar, conjunctions, coordination.